



Artigo
Article

**O homem moderno: incertezas, angústias, solidão e vazio
existencial na virada do século**

*The modern man: uncertainties, anguish and existential emptiness at the
turn of the century*

Betânia Maria Barros Feitoza¹

Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água; mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer, desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades ... (SARTRE, 1997, p. 680).

RESUMO: O presente artigo tem a pretensão de introduzir a discussão a respeito do homem da virada do século XX, o indivíduo contemporâneo produtor e produto da modernidade e que viveu o apogeu de importantes descobertas e grandes realizações, mas que também tem amargado a desilusão de ver que nem tudo o que foi prometido tornou-se realidade, de desmoronar juntamente com as verdades e certezas de todo um período histórico. Faz-se, por conseguinte uma pequena reflexão acerca das incertezas e angústias,

¹ Bacharel em Direito (UERN). Mestre em Ciências Sociais e Humanas pelo PPGCISH – UERN. Especialista em Direitos Humanos (UERN). E-mail: betaniabarrosrn@gmail.com

da solidão e desespero que têm assolado o ser humano de forma particularmente intensa neste final e início de século, encerrando-o num vazio existencial sem precedentes. **Palavras-chave:** vazio existencial; século XX; século XXI; solidão; ciência; tecnologia.

ABSTRACT: This article does claim to introduce the discussion about the man the turn of the century, the contemporary producer individual and product of modernity and who lived the culmination of important discoveries and great achievements, but it has also embittered disappointment to see that not everything that was promised came true, collapsing along with the truths and certainties of an entire historical period. It should be therefore a little reflection about the uncertainty and anguish, loneliness and despair that has plagued the human being in a particularly intense way in the end and beginning of this century, enclosing it in an unprecedented existential emptiness. **Keywords:** existential emptiness; twentieth century; loneliness; science; technology.

INTRODUÇÃO

O ocaso de um século e o despertar de um novo, gera por si muitas expectativas, uma verdadeira explosão de sentimentos. O século XX foi intenso em todos os sentidos, período de grandes descobertas e transformações e de enormes avanços na ciência e na tecnologia, mas também de acontecimentos trágicos que abalaram a confiança do homem na própria humanidade e mostraram que o “progresso” não é uma receita mágica que tudo pode resolver. As certezas caíram por terra antes mesmo do nascimento do novo século o que fez do homem desta transição um indivíduo angustiado, desesperado e sem rumo, imerso na sua própria solidão e prisioneiro de um imenso vazio existencial.

A busca desenfreada e quase cega do homem pela felicidade plena, impregnada por uma ética utilitarista que diz que o prazer está à mão, a um passo, a um clique, não é um fato isolado e nem aconteceu por acaso. Tal postura é fruto de um processo complexo e multifatorial, herdeiro de um período de intensas mudanças e transformações que fizeram do século XX um “momento” à parte. Encarar o ideal de felicidade sob este prisma, leva à banalização da vida, à falta de sentido e sentimento de vazio, males que sem sombra de dúvidas acometem o homem da virada do século.

O progresso promovido pela ciência e pela tecnologia foi responsável por grandes e importantes mudanças na vida das pessoas, mas não conseguiu fazer tudo o que disse, nem chegar onde se fez pensar que chegaria, pois basta olhar em volta para constatar tal afirmação.

O assunto é inesgotável por suas múltiplas dimensões, razão pela qual faz-se necessário abordá-lo de forma interdisciplinar. Ao longo do texto foram trazidos vários autores de diversas áreas do conhecimento, o que contribuiu indiscutivelmente para uma

melhor abordagem e aproximação de temática tão complexa e que requer espírito livre e mente aberta. A metodologia empregada foi de cunho eminentemente bibliográfico.

Freud, em sua obra “O Mal-estar na Civilização”, questiona acerca do que os homens pedem da vida e o que nela desejam realizar. A obra de Freud já tem algum tempo, porém continua bastante atual.

O homem de hoje, o indivíduo de nosso tempo que é o sujeito forjado e construído na e pela sociedade moderna, vive uma busca constante e desenfreada pelo ideal de felicidade. Refiro-me a toda uma plêiade de ideias que aos poucos foram sendo “implantadas” e plantadas na mente das pessoas a respeito do que seja a felicidade, do que é preciso **ter** para ser feliz: consumo, prazer, família perfeita, fuga do sofrimento e do desprazer. As pessoas, segundo Freud (1996, p. 9), “esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”.

Desta forma, obter prazer de qualquer modo - seja através das relações de consumo, do ter e do poder, da fuga daquilo que nos traz sofrimento ou ainda por meio da satisfação de necessidades passageiras, fugazes -, tornou-se sinônimo de felicidade. A esse respeito Freud adverte:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito, provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo por sua natureza, possível apenas como uma satisfação episódica (1996, p. 9).

Porém, colocar o gozo antes da cautela (FREUD, 1996, p.10) pode ser perigoso e arriscado, pois ainda que entronizar a satisfação de todas as necessidades de forma irrestrita e em primeiro lugar, seja uma maneira de levar a vida conforme nos diz Freud; tem um alto preço, tendo em vista que desejos quase sempre existirão. No início serão desejos, em seguida necessidade e depois de alcançados, darão lugar a novos desejos, num ciclo insaciável.

No último século, o progresso alcançado por meio da ciência e da técnica, permitiu que o homem controlasse a natureza, obtivesse o domínio sobre o tempo e o espaço, só para citar algumas de suas maravilhas. Bem vindos à civilização que encurtou distâncias, descobriu a cura para inúmeros males, colocou aos nossos pés um mundo de entretenimento, fez chegar “cultura” aos lugares mais remotos e a todo tipo de público, um verdadeiro show de invenções, descobertas e realizações. “A palavra ‘civilização’

descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados” (FREUD, 1996, p. 17).

A Civilização Ocidental emergiu enquanto modelo a ser seguido, ideal ao qual as demais deveriam aspirar e atingir. A esse respeito, Lévi-Strauss em sua obra *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno* (2012, p.10), pontua que:

Há cerca de dois séculos a civilização ocidental definiu a si mesma como a civilização do progresso. Irmanadas no mesmo ideal, outras civilizações acreditaram dever tomá-la como modelo. Todas partilharam a convicção de que a ciência e as técnicas avançariam sem cessar, proporcionando aos homens mais poder e felicidade.

Mas sabemos que o mesmo século que reclama para si inovações, progresso e realizações nunca antes vistos, foi o mesmo que assistiu a acontecimentos que desmentiram as melhores previsões: guerras, massacres em massa, totalitarismos, ditaduras, etc. Tudo isso coloca em xeque a grande promessa da felicidade plena, de tudo aquilo que a ciência e a tecnologia pareciam proporcionar, ou no mínimo, de tudo aquilo que nos livraria. Em seu lugar restou desesperança e vazio.

As ciências e as técnicas estenderam prodigiosamente nosso conhecimento do mundo físico e biológico. Deram-nos um poder sobre a natureza que ninguém poderia suspeitar há apenas um século. Começamos, porém, a calcular o preço que foi preciso pagar para obtê-lo. De modo crescente, apresenta-se a questão de saber se essas conquistas não tiveram efeitos deletérios (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 10).

Ao menos teoricamente, o século XXI herdeiro direto do século XX, parece ser aquele em que os seres humanos estão mais ligados, conectados uns com os outros graças à internet, mas paradoxalmente este também é o século da solidão como, aliás, tem sido denominado por pensadores e músicos. Cada vez mais sozinhas, o individualismo reinante, as pessoas estão sofrendo mais de doenças ligadas ao psiquismo, dos males da alma, prova disso é a carência afetiva, a ansiedade e a depressão que não raro são motivos de queixas (e suicídios).

Tal contradição ocorre porque a conexão virtual ao tempo em que aproxima as pessoas, também as distancia, pois “impossibilita” a conexão real, o toque, o olho no olho, tornando a relação corpo a corpo cada vez mais rara em detrimento da interação mediada pela máquina.

A civilização do espetáculo, a qual se refere Mário Vargas Llosa, é o lugar por excelência do entretenimento, da diversão, da sedução pela beleza e também do efêmero, do consumível aqui e agora, do instantâneo. As verdades que tempos atrás nos forneciam segurança e constituíam a base sobre a qual erguíamos nossos castelos, foram sendo desconstruídas, destronadas uma a uma. Que grande golpe para a humanidade, as certezas desapareceram! A humanidade caminha sem rumo porque os grandes ideais de progresso, de felicidade, da certeza de que tudo estaria sob controle, de um mundo melhor - livre dos males e emancipado pelas descobertas científicas e tecnológicas -, vive a frustração de perceber que nem todas as promessas foram cumpridas, que a grande verdade é que não existem verdades absolutas e nem certezas inquestionáveis. Que contradição que o homem tenha ido à lua, mas que ainda existam milhares de pessoas vítimas da fome ou vivendo em condições miseráveis; que tenham aperfeiçoado seus códigos, suas leis, que reconheçam os direitos humanos, mas que amarguem a existência em pleno século XXI de conflitos armados, guerras civis e grupos terroristas; que tenham inventado avançados sistemas políticos, mas que reine a incredulidade quase que generalizada dos cidadãos, diante da política levada a cabo por seus respectivos dirigentes em todo o mundo e em cada esfera governamental.

Vivemos um niilismo ético ou moral que é o reflexo da perda de valores ou de seu desprezo tão característico de nosso tempo. Llosa questiona a respeito do que seria a civilização do espetáculo, que ele mesmo responde como sendo “A civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (2013, p. 29).

Llosa prossegue mostrando o que fez o Ocidente caminhar para uma civilização desse tipo:

O bem-estar que se seguiu aos anos de privações da Segunda Guerra Mundial e a escassez dos primeiros anos do pós-guerra. Depois dessa etapa duríssima, seguiu-se um período de extraordinário desenvolvimento econômico. Em todas as sociedades democráticas e liberais da Europa e da América do Norte as classes médias cresceram como bola de neve, a mobilidade social se intensificou e ao mesmo tempo, ocorreu notável abertura dos parâmetros morais, a começar pela vida sexual, tradicionalmente refreada pelas igrejas e pelo laicismo pudico das organizações políticas tanto de direita como de esquerda (2013, p. 30).

De acordo Llosa, uma série de fatores históricos, sociais e econômicos contribuíram para que a civilização atual chegasse a esse ponto. A valorização da

liberdade, do entretenimento e do bem-estar não surgiu do dia para a noite e nem assumiu de imediato proporções para que posteriormente viesse a ser vista de forma pejorativa, isto, é claro, levou tempo. A própria democratização da cultura que inicialmente teve lá suas boas intenções, tornando-a um bem ao alcance de todos e não mais privilégio de uma elite, também tornou raso e superficial o conteúdo dos produtos culturais, de maneira que a quantidade passou a valer mais que a qualidade, ou seja, a civilização do espetáculo quer chegar ao máximo de pessoas e não importa o que tenha que sacrificar.

A esse respeito Llosa esclarece ainda que:

Essa louvável filosofia teve o indesejado efeito de trivializar e mediocratizar a vida cultural, em que certa facilitação formal e superficialidade de conteúdo dos produtos culturais se justificaram em razão do propósito cívico de chegar à maioria (2013, p. 31).

A crítica que antes desempenhava um importante papel, agora na civilização do espetáculo foi relegada, ficando a publicidade com esta tarefa. O problema é que a publicidade carece das condições necessárias para o exercício do pensar crítico e da reflexão, o que afeta negativamente a sensibilidade, os gostos, imaginação e costumes das pessoas.

O homem do século XX e do início do século XXI, acreditou que estando de posse dos conhecimentos científicos e da tecnologia, poderia dispensar Deus, a religião, o imaginário. Porém, há pouco tempo começou a perceber que é um ser múltiplo, que tem também múltiplas necessidades e que não basta a explicação racional, a cura das doenças, a tecnologia de ponta, o controle remoto... porque o homem é um ser biológico, mas é também cultural, metafísico, psíquico e espiritual. É indivíduo, mas também sujeito, constrói e é construído e neste processo, as crenças jamais deixarão de existir porque é parte integrante do seu ser, o homem não é isso **ou** aquilo, ele é isso **e** aquilo:

Tão importante quanto a técnica para a humanidade são a criação de um universo imaginário e a multiplicação fabulosa dos mitos, crenças, religiões: o desenvolvimento técnico racional, de resto, mostrou-se, até hoje, muito pouco apto a eliminá-los (MORIN, 2002, p. 42).

O ser humano em sua complexidade não é apenas carne, mas também espírito, “O ser humano é plenamente físico e metafísico, biológico e metabiológico” (MORIN, 2002, p. 49).

O que carregamos em nós foi de forma magistral destacado por Morin (2002, p. 49): “Temos em nós um microcosmo, do universo e da vida”.

A própria razão e seu reinado sobre todas as coisas e a crença em seu poder, tornou-se um mito. E um mito que toma o lugar de outro, é sempre um mito. O legado do século XX tem obviamente muito de positivo, é bom que se esclareça, mas não nos enganemos porque na aurora do século XXI, o ser humano presencia, vive e sente o peso das incertezas, da desesperança, do racionalismo puro e frio, do isolamento e do vazio. Na sua busca alucinada pelo bem-estar e pela felicidade plena, fez da sua jornada uma fuga constante da dor e do sofrimento, como bem lembra Sponville (2007, p. 75): “Fruir o máximo possível, sofrer o mínimo possível. Todos os nossos atos explicam-se assim”.

E como se estivéssemos em uma grande festa cujo banquete fora oferecido pela ciência e pela técnica, acreditamos que tudo era diversão, que todas as dúvidas teriam sido dissipadas, que havíamos chegado finalmente à Terra Prometida, à Atlântida perdida e só muito recentemente começamos a nos dar conta de que nem tudo são flores, de que “nossos heróis” não nos salvariam da beleza e da tragédia da vida. “Nascer não é uma diversão. E, em nossos hospitais, mede-se a vitalidade dos recém-nascidos primeiro pela potência de seu choro” (SPONVILLE, 2007, p. 77).

A época em que vivemos é atípica e apática porque os ideais, as ideologias e os conceitos tidos como sólidos e aceitos como dogmas, se desmancharam. Isso nos tornou órfãos de certezas e de verdades para nós tão preciosas e fundamentais, puxaram o tapete que havíamos imaginado estar sob nossos pés, e agora?! Conforme lembra Bauman (2016):

Houve muitas crises na história da humanidade, muitos períodos de interregno, nos quais as pessoas não sabiam o que fazer, mas elas sempre acharam um caminho. A minha única preocupação é o tempo que levarão para achar o caminho agora. Quantas pessoas se tornarão vítimas até que a solução seja encontrada?

É ainda de nosso tempo, conforme já destacado, a fluidez das relações, tudo é fugaz, momentâneo, passageiro e feito para durar pouco, explosão do instante, mas depois, apenas o vazio permanece. Bauman (2012) pontua que: “Mudamos o foco da construção das bases do poder da sociedade sobre a natureza para o contrário: para a cultura do imediatismo, do prazer, da individualização, de identificar a felicidade com o aumento do consumo”.

A locomotiva da vida de cada um faz movimentar o todo, a grande locomotiva da vida em sociedade. Se estivermos “perdidos” num vazio existencial, solitários, angustiados, isolados e sem esperanças enquanto indivíduos, também o estaremos enquanto sujeitos sociais, cidadãos, membros da sociedade, pais, cônjuges, filhos. Neste caso, a grande locomotiva segue, mas não sabe para onde! “A liquidez do mundo moderno esvai-se pela vida, parece que participa de tudo, mas os habitantes dessa atual modernidade, na verdade, fogem dos problemas em vez de enfrentá-los” (BAUMAN, 2014).

Sem valores ou parâmetros, desprovido de objetivos, desiludido com as promessas não cumpridas do século XX, cheio de si, narcisista, fútil e atormentado pelo vazio, o indivíduo do século XXI parece não saber o que fazer nos próximos dias, nas horas seguintes, nos próximos minutos. Nada é tão bom o suficiente para ele. Com base no seu ideal de felicidade, acredita buscá-la, obtê-la, mas como doses de uma droga, seu efeito é efêmero, e pode durar menos que a loção de um frasco barato de perfume. Desconhece suas reais necessidades porque desaprendeu a ouvir, silenciar e refletir, seduzido pelo barulho ensurdecedor de um mundo que se diz moderno, da sociedade do espetáculo e assustado com o silêncio quase mórbido de sua própria solidão, afundou-se num vazio existencial do qual ainda não sabe como sair. Tal é o homem da virada do século!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, o indivíduo da transição do século XX para o século XXI, causador e vítima de todo um processo que culminou com a perda de referenciais e valores capazes de nortear a sua existência, encontra-se em uma espécie de limbo, cercado de dúvidas e incertezas. Sabe que já não pode depositar todas as suas esperanças e aspirações em si próprio e em seus feitos. Foi forçado a ver que não tem a resposta para todos os questionamentos e que o consumismo, a fuga dos desprazeres, o modo de produção perfeito, o emprego ideal, o fato de viver em mundo cercado de facilidades e tecnologias não foram capazes torná-lo pleno e constantemente feliz, de livrá-lo da dor, dos dissabores da vida, da solidão e do vazio que tanto o atormentam neste início de século.

O vazio existencial é um dos grandes problemas do homem moderno. A perda da capacidade do ser humano de autoconhecimento e conseqüentemente de reflexão - sobre

seu ser, seus atos, suas verdadeiras necessidades, sobre seu papel, o sentido da sua existência, sobre o outro e sobre o mundo que o cerca -, constituiu terreno fértil para o alojamento de uma série de sentimentos negativos tais como o medo, a solidão, a falta de esperança, o desamor e o desespero. Sartre reconheceu em uma entrevista que: “via no desespero uma imagem lúcida do que era a condição humana” (1980, p. 19). E ele estava certo: desespero é a palavra que melhor sintetiza a condição do homem atual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt (2014). **Estamos isolados em rede?** Entrevista ao Zero Hora. Brasil: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-estamos-isolados-em-rede. Acesso em 06 jan 2016.

_____. (2012). **Laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança.** Entrevista ao Café Filosófico. CPFL. Brasil: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-laços-humanos-redes-sociais-liberdade-e-segurança. Acesso em 04 jan 2016.

_____. (2016). **A fluidez do mundo líquido de Zygmunt Bauman.** Entrevista ao Programa Milênio/GloboNews. Brasil: Fronteiras do Pensamento. Disponível em: www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-a-fluidez-do-mundo-líquido-de-zygmunt-bauman. Acesso em 14 de jan 2016.

COMTE-SPONVILLE, André. **A vida humana:** desenhos de Sylvie Thybert. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O fim da supremacia cultural do Ocidente – In: **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LLOSA, Mário Vargas. **A Civilização do Espetáculo:** uma radiografia de nosso tempo e de nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX:** neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

_____. **O método 5:** a humanidade da humanidade: a identidade humana. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SARTRE, J. **O testamento de Sartre.** Paris: 1980. L&PM, São Paulo, p. 17-64. Entrevista concedida a Benny Lévi para *Nouvel Observateur*

_____. **O ser e o nada:** ensaio de fenomenologia ontológica. Tradução de Paulo Perdigão. 5ª ed, RJ: Vozes, 1997.